



**Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra
(Organizadora)**

DISCURSOS, SABERES E PRÁTICAS DA ENFERMAGEM 2

Atena
Editora
Ano 2019



**Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra
(Organizadora)**

DISCURSOS, SABERES E PRÁTICAS DA ENFERMAGEM 2

Atena
Editora
Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|--|
| D611 | Discursos, saberes e práticas da enfermagem 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Discursos, saberes e práticas da enfermagem; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7247-896-0 DOI 10.22533/at.ed.960192312 1. Enfermagem – Pesquisa – Brasil. 2. Enfermagem – Prática. I.Sombra, Isabelle Cordeiro de Nojosa. II. Série. CDD 610.73 |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “*Discursos, Saberes e Práticas da Enfermagem*” aborda uma série de estudos realizados na área da Enfermagem, sendo suas publicações realizadas pela Atena Editora. Em sua totalidade está composta por 6 volumes, sendo eles classificados de acordo com a área de abrangência e temáticas de estudo. Em seus 25 capítulos, o volume II aborda, dentre outros assuntos, a Enfermagem como atuante na assistência à saúde da mulher com pesquisas no âmbito da ginecologia e obstetrícia, além da saúde inerente ao público de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), trazendo abordagens específicas e voltadas para cada público de uma forma especial.

Colaborando com as mais diversas transformações no contexto da saúde, o volume II é dedicado ao público de pais e mães, com estudos que abordam aspectos sobre o processo de paternidade e maternidade, além de publicações que envolvem a saúde da mulher, incluindo a atuação da enfermagem em ginecologia e obstetrícia, na vertente materno-infantil, e pesquisas voltadas à violência contra a mulher, abortamento, planejamento familiar, gravidez na adolescência, dentre outros. Além disso, as publicações também oferecem suporte com evidências relacionadas à saúde do público LGBT.

Esse olhar diferenciado promove o conhecimento, facilitando a atuação do profissional diante das especificidades inerentes a cada público. Sendo assim, a prestação dos serviços ocorre de forma mais eficaz, gerando resultados cada vez mais satisfatórios. Portanto, esperamos que este livro possa fornecer subsídios para uma atuação qualificada, humanizada e com um olhar especial no que diz respeito à saúde dos mais diversos públicos, buscando cada vez mais a excelência no cuidado em enfermagem, e disseminando práticas promotoras da saúde.

Isabelle C. de N. Sombra

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| “CONDUTAS MASCULINAS” NO ABORTAMENTO SOB A ÓPTICA DE MULHERES E HOMENS | |
| José Renato Santos de Oliveira | |
| Cleuma Sueli Santos Suto | |
| Jones Sidnei Barbosa de Oliveira | |
| Carle Porcino | |
| Rita de Cassia Dias Nascimento | |
| Amanda dos Santos Araújo | |
| DOI 10.22533/at.ed.9601923121 | |
| CAPÍTULO 2 | 14 |
| CONSUMO DE ALIMENTOS REGIONAIS DURANTE A GRAVIDEZ | |
| Mariana Carolini Oliveira Faustino | |
| Ana Izabel Godoy de Souza | |
| Gracyelle Elizabete dos Santos | |
| Mayra Roscelli Ferreira Nascimento Lima | |
| Thaysa Tavares da Silva | |
| Sheyla Costa de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.9601923122 | |
| CAPÍTULO 3 | 23 |
| A IMPORTÂNCIA DO ENFERMEIRO NA PREVENÇÃO DO CÂNCER DE MAMA | |
| Fabio Santos Santana | |
| Bianca Morais de Oliveira | |
| Maria Lucimaria Gama Ribeiro | |
| Adriana Antônia de Oliveira | |
| Charles Bruno Mendes Bulhões | |
| Danielle Costa de Souza | |
| Murilo Dias da Silva | |
| Priscila Mendes Graña de Oliveira | |
| Simone Teixeira da Luz Costa | |
| Tacio Macedo Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.9601923123 | |
| CAPÍTULO 4 | 34 |
| A PARTICIPAÇÃO DO PAI NO PROCESSO DO NASCIMENTO E AS INFLUÊNCIAS NO CUIDADO AO RECÉM-NASCIDO | |
| Marli Aparecida Rocha de Souza | |
| Raquel Fernandes da Silva de Oliveira | |
| Thais Ferreira da Cruz | |
| Izabela Andréa da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.9601923124 | |
| CAPÍTULO 5 | 46 |
| A VISÃO DOS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM SOBRE O ABORTO | |
| Meiriane Christine dos Santos Aguiar | |
| Isis Vanessa Nazareth | |
| Samantha dos Reis Silva | |
| Glaucimara Riguete de Souza Soares | |
| Patrícia Regina Affonso de Siqueira | |
| Fabricia Costa Quintanilha Borges | |
| Luiza Fernanda Thomaz Mendonça | |

Juliana Silva Pontes
Joana Darc Fialho de Souza
Luis Felipe Bezzera Estevam
Maria Isabel Santos Alves
Suzanna Martins Costa

DOI 10.22533/at.ed.9601923125

CAPÍTULO 6 57

ACESSO AO ATENDIMENTO BÁSICO DE SAÚDE DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (LGBTs): IMPLICAÇÕES PARA A ENFERMAGEM

Danilo Damiano Soares de Miranda
Karla Mychele Cezário de Lima
Vivian Mayara da Silva Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.9601923126

CAPÍTULO 7 62

AÇÕES EDUCATIVAS SOBRE ANTICONCEPÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: PERCEPÇÕES DE EDUCADORES E ADOLESCENTES ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Carla Zimmermann Tuzin Santos
Hedi Crecência Heckler de Siqueira

DOI 10.22533/at.ed.9601923127

CAPÍTULO 8 73

ANÁLISE DA PREVALÊNCIA DO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO NA ÁREA DE ABRANGÊNCIA DA UBS VÁRZEA - PATOS DE MINAS, MG

Henrique Takeshi Pinto Emi
Ana Clara Costa Garcia
Brenda Viana Valadares
Caíque Mortati Martins da Silva
Milla Cristie Rodrigues Costa
Virgínia Fernandes Fiúza
Isadora Sene
Marisa Costa e Peixoto
Giovana Bertoni Palis Samora
João Vítor Resende Andrade

DOI 10.22533/at.ed.9601923128

CAPÍTULO 9 85

AUTOEFICÁCIA NO ALEITAMENTO MATERNO EM ADOLESCENTES DO NORTE BRASILEIRO

Edficher Margotti
Nara Thassiana Viegas

DOI 10.22533/at.ed.9601923129

CAPÍTULO 10 99

CAPACITAÇÃO DO ENFERMEIRO DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE COMO FERRAMENTA DE ENFRENTAMENTO A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Patrícia Pereira Tavares de Alcântara
Francisca Evangelista Alves Feitosa
Camila Almeida Neves de Oliveira
Maria Regilânia Lopes Moreira

DOI 10.22533/at.ed.96019231210

CAPÍTULO 11 109

DESAFIOS PARA O CONTROLE DA TRANSMISSÃO VERTICAL DO HIV, NO MUNICÍPIO DE JUIZ DE FORA – MINAS GERAIS

Ana Cláudia Sierra Martins
Cristiane Maria dos Santos Pereira
Dalila Maria de Almeida Souza
Gisele Carla de Oliveira
Leidiléia Mesquita Ferraz
Mariane Silva Caixeiro

DOI 10.22533/at.ed.96019231211

CAPÍTULO 12 121

COMPOSIÇÃO DO LEITE MATERNO DA NUTRIZ DE RECÉM-NASCIDO PRÉ-TERMO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Sueli Mutsumi Tsukuda Ichisato
Larissa Silva Bergantini
Francieli Silva de Oliveira
Camila Borghi Rodriguero
Christyna Beatriz Aparecida Genovez Tavares
Angélica Yukari Takemoto
Jhennifer Bortoloci Galassi
Heloísa Gomes de Farias
Mariana Salvadego Aguila Nunes
Carolina Maria Inomata Marioti
Thaiane da Silva Cândido
Anita Batista dos Santos Heberle

DOI 10.22533/at.ed.96019231212

CAPÍTULO 13 137

DIFICULDADE NA ADESÃO DE BOAS PRÁTICAS NA ASSISTÊNCIA AO PARTO E NASCIMENTO: REVISÃO INTEGRATIVA

Ayla Araújo Beserra
Silvana Cavalcanti dos Santos
Alessandra Pontes Lopes
Andicleia Cicera da Silva
Luiza Vanessa de Lima Silva
Márcia Jasimini Sidatha da Silva Fernandes
Ayane de Araujo Beserra
Débora Lemos Paz
Anna Maria França de Sousa

DOI 10.22533/at.ed.96019231213

CAPÍTULO 14 148

FATORES DIFICULTADORES DA AMAMENTAÇÃO NA PRIMEIRA HORA PÓS-PARTO: REVISÃO DE LITERATURA

Juliane Lima Pereira da Silva
Francisca Márcia Pereira Linhares
Maria Wanderleya Lavor Coriolano Marinus
Danielle Santos Alves
Amanda de Almeida Barros
Auricarla Gonçalves de Souza

DOI 10.22533/at.ed.96019231214

CAPÍTULO 15 158

MATERNAGEM AMPLIADA: VIVÊNCIAS DE AVÓS NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL

Karla Maria Carneiro Rolim
Henriqueta Ilda Verganista Martins Fernandes
Kamila Silton Pinheiro de Freitas
Isabel Freitas dos Santos
Firmina Hermelinda Saldanha Albuquerque
Vitória Germano Oliveira de Sousa
Hávila Kless Silva Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.96019231215

CAPÍTULO 16 166

QUALIFICANDO MÃES PARA ATENÇÃO AO RECÉM-NASCIDO: OLHAR MATERNO NO MÉTODO CANGURU

Maria de Belém Ramos Sozinho
Maria de Nazaré da Silva Cruz
Bruna De Paula Santana Lima
Marlene Sousa Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.96019231216

CAPÍTULO 17 179

SER PAI NA ADOLESCÊNCIA: REFLEXÃO TEÓRICA

Bianca Soares da Silva
Lucilene Maria da Silva
Gabrielly Nascimento Soares
Catia Cristina Valadão Martins Rosa
Prisciely Souza de Palhano
Vania Paula Stolte Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.96019231217

CAPÍTULO 18 192

SATISFAÇÃO DAS GESTANTES NA CONSULTA DE ENFERMAGEM NO PRÉ - NATAL EM UM MUNICÍPIO MARANHENSE

Bárbara de Araújo Barbosa Sousa
Adriane Mendes Rosa
Gabriella Marly Pereira de Jesus
Iara Leal Torres
Gleciene Costa de Sousa
Helayne Cristina Rodrigues
Francilene de Sousa Vieira

DOI 10.22533/at.ed.96019231218

CAPÍTULO 19 205

PERCEPÇÕES DE PUÉRPERAS SOBRE AS BOAS PRÁTICAS NA ATENÇÃO AO PARTO E NASCIMENTO

Michelle Araújo Moreira
Laíne de Souza Matos
Vivian Andrade Gundim
Flávia Costa Santos

DOI 10.22533/at.ed.96019231219

CAPÍTULO 20 218

TESTE DO PEZINHO: CONHECIMENTO DE MÃES GESTANTES DO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA – PB

Maria Aline Alves Mariano
Mariana Carolini Oliveira Faustino
Analucia de Lucena Torres

DOI 10.22533/at.ed.96019231220

CAPÍTULO 21 229

O ENFERMEIRO NA PREVENÇÃO E CONTROLE DO CÂNCER DE MAMA NA ATENÇÃO BÁSICA: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

Monyka Brito Lima dos Santos
Rosevalda Cristine Silva Bezerra
Paulliny de Araujo Oliveira
Maria Santana Soares Barboza
Tassila de Oliveira Pessôa Freitas
Aida Patrícia da Fonseca Dias Silva
Cássia Rejane Fernandes dos Santos
Cristiane Michele Sampaio Cutrim
Giuvan Dias de Sá Junior
Iracema Oliveira Amorim
Jessica Lianne da Silva Carvalho
Beatriz Oliveira Mesquita

DOI 10.22533/at.ed.96019231221

CAPÍTULO 22 239

ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM EM UM CASO DE GESTANTE COM LESÃO MEDULAR: SISTEMATIZANDO O CUIDADO DE FORMA INDIVIDUAL

Sara Maria dos Santos Costa
Jefferson Wladimir Tenório de Oliveira
Maria Eduarda Guimarães Barros Suruagy do Amaral
José César de Oliveira Cerqueira
Keila Cristina Pereira do Nascimento Oliveira
Evanio da Silva

DOI 10.22533/at.ed.96019231222

CAPÍTULO 23 249

CUIDADOS DE ENFERMAGEM NA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Elen Cristina Faustino do Rego
Maíra Pereira da Silva
Louise Anne Reis da Paixão
Livia Fajin de Mello dos Santos
Pedro de Jesus Silva
Renata da Silva Hanzelmann
Carla Tatiana Garcia Barreto Ferrão

DOI 10.22533/at.ed.96019231223

CAPÍTULO 24 262

PERCEPÇÃO DA POPULAÇÃO LGBTQ+ QUANTO A QUALIDADE DOS SERVIÇOS DE SAÚDE

Alana Caroline da Silva Rosa
Juliana Pires Rodrigues da Costa
Jéssica Larissa Pereira dos Santos
Sheila Maciel da Silva
Ruan da Silva Barreto Ferreira
Jefferson Robert Roque de Sousa

Johnata da Cruz Matos

DOI 10.22533/at.ed.96019231224

CAPÍTULO 25 275

PERFIL DE VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL E IMPLICAÇÕES PARA PRÁTICA DE ENFERMAGEM

Jane Keyla Souza dos Santos

Lilian Christianne Rodrigues Barbosa

Luana Jeniffer Souza Farias da Costa

Lucilo José Ribeiro Neto

Paula Alencar Gonçalves

Thaysa Alves Tavares

Mércia Lisieux Vaz da Costa

DOI 10.22533/at.ed.96019231225

SOBRE A ORGANIZADORA..... 285

ÍNDICE REMISSIVO 286

AÇÕES EDUCATIVAS SOBRE ANTICONCEPÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: PERCEPÇÕES DE EDUCADORES E ADOLESCENTES ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Data de aceite: 22/11/2019

Carla Zimmermann Tuzin Santos

Universidade Franciscana (UFN).

Santa Maria – RS.

Hedi Crecência Heckler de Siqueira

Universidade Franciscana (UFN).

Santa Maria – RS.

RESUMO: Objetivo: Objetiva-se conhecer as percepções de educadores e alunos adolescentes estudantes do ensino médio, sobre as ações educativas em anticoncepção na adolescência no contexto escolar. **Método:** O método escolhido foi o grupo focal, sendo que no período de junho a agosto de 2016 foram realizados 04 grupos focais, sendo 02 com docentes e 02 com adolescentes do ensino médio de uma instituição pública de ensino da rede federal, no interior gaúcho. Participaram do estudo 25 pessoas, 11 educadores e 14 adolescentes do ensino médio. Os dados foram analisados por meio do método da análise de conteúdo temática. **Resultados:** Docentes e estudantes participantes do estudo reconhecem a importância das ações educativas em anticoncepção na adolescência, no entanto, essas necessitam transcender os modelos impositivos de transmissão de

conhecimento. Os educadores clamam por maior preparo para trabalharem com seus alunos sobre questões relacionadas à educação sexual e anticoncepção na adolescência. **Conclusão:** Destaca-se a importância dada pelos educadores e adolescentes a qualidade das ações educativas oferecidas em ambiente escolar para que possam produzir resultados positivos na vida dos educandos.

PALAVRAS-CHAVE: Anticoncepção; Educação em Saúde; Gravidez na Adolescência; Saúde Escolar.

EDUCATIONAL ACTIONS ON CONTRACEPTION IN ADOLESCENCE: PERCEPTIONS OF EDUCATORS AND ADOLESCENTS STUDENTS OF MIDDLE SCHOOL

ABSTRACT: Objective: The purpose of this study is to understand the perceptions of educators and adolescent students in high school about the educational actions in contraception in adolescence in the school context. **Method:** The focal group was chosen, and in the period from June to August, 2016, 04 focal groups were held, one with 02 teachers and other with 02 high school adolescents from a federal public school in the interior of the state of Rio Grande

do Sul. Twenty-five people, 11 educators and 14 high school adolescents participated in the study. The data were analyzed using the thematic content analysis method.

Results: Teachers and students participating in the study recognize the importance of educational actions in contraception in adolescence, however, they need to transcend the models of knowledge transmission. Educators call for greater preparedness to work with their students on issues related to sex education and contraception in adolescence.

Conclusion: The importance given by educators and adolescents is importante to the quality of the educational actions offered in a school environment so that they can produce positive results in the lives of the students.

KEYWORDS: Contraception; Health Education; Pregnancy in Adolescence; School Health.

1 | INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) compreende a adolescência como um processo biológico e vivências orgânicas, no qual se aceleram o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade, abrangendo a pré-adolescência (entre 10 a 14 anos) e a adolescência (dos 15 aos 19 anos). Destarte, os adolescentes estão em uma fase de identificação de sua feminilidade/masculinidade, por vezes, podendo sofrer consequências indesejáveis na prática da sexualidade, tais como: gravidez precoce indesejada, falta de conhecimento a respeito das modificações que se processam no seu organismo, nas atitudes e comportamentos e/ou uso indevido de métodos contraceptivos, aborto, vitimização, doenças sexualmente transmissíveis e traumas psicossociais.¹

Quanto a gravidez neste período², “A incidência da gestação nesta faixa etária continua a aumentar, apesar da difusão do conhecimento teórico. As estatísticas demonstram a não-utilização ou o uso incorreto do método anticonceptivo, principalmente, nas primeiras relações sexuais”. Estudos relatam que muitos adolescentes têm conhecimento, porém incorreto, sobre os métodos anticoncepcionais e que apenas um em cada dez adolescentes, sexualmente ativos, utilizam algum método contraceptivo, sendo necessário estimular o autocuidado e a anticoncepção nesta fase da vida, atendendo aos adolescentes de forma humanizada e personalizada.³

Sendo assim, são necessárias estratégias de educação em saúde articuladas com a rede sociofamiliar na qual o adolescente está inserido. Nesse contexto, a escola é um espaço privilegiado para práticas de educação em saúde, na qual o trabalho de promoção da saúde com os educandos e também com educadores, deve assumir uma atitude permanente de empoderamento dos princípios básicos de autocuidado, permitindo aos alunos e professores, um ambiente seguro para

compartilhar informações, dialogar e questionar sobre suas dúvidas referentes à prática da sexualidade e anticoncepção.^{4,5}

Diante do panorama da contracepção na adolescência atual, justifica-se o presente estudo pela relevância do tema e a necessidade de contextualizar no processo educativo, o conhecimento alusivo à sexualidade, destacando-se a educação em saúde e a inclusão da comunidade, neste caso os docentes, nessa discussão³. Diante do exposto, elaborou-se a seguinte questão norteadora de pesquisa: Como os educadores e alunos adolescentes, estudantes do ensino médio, percebem as ações educativas em anticoncepção na adolescência no contexto escolar? Assim, objetiva-se conhecer as percepções de educadores e alunos adolescentes estudantes do ensino médio, sobre as ações educativas em anticoncepção na adolescência no contexto escolar.

2 | MÉTODO

A coleta dos dados foi realizada por meio do método do Grupo Focal (GF), que compreende entrevista em grupo, onde a interação configura-se como parte integrante do método. No processo, os encontros grupais possibilitam aos participantes explorarem seus pontos de vista, a partir de reflexões sobre um determinado fenômeno social, em seu próprio vocabulário, gerando perguntas e buscando respostas pertinentes à questão sob investigação.⁷

No presente estudo, foram desenvolvidos no período de junho à agosto de 2016, quatro (04) Grupos Focais (GFs), sendo 02 GFs com adolescentes estudantes do ensino médio e 02 GFs com os educadores que aceitaram participar da pesquisa. A proposta da pesquisa incluía um quinto GF, referente aos pais dos discentes participantes. Entretanto, após três tentativas, utilizando diversas formas de convite e diante da não adesão dos convidados, decidiu-se prosseguir a pesquisa sem a participação do grupo de pais.

Nesse sentido, participaram do estudo, 25 pessoas, 11 educadores de alunos estudantes do ensino médio e 14 adolescentes estudantes do ensino médio. Os critérios de inclusão adotados para os participantes adolescentes foram: possuir idade entre 14 e 19 anos, aceitar em participar do estudo mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) destinado aos pais dos alunos menores de 18 anos ou para o próprio aluno se maior de idade e o Termo de Assentimento (TA) para os participantes menores de 18 anos. Já os critérios de inclusão para os participantes docentes foram: ser docente da instituição em estudo, lecionar no ensino médio e aceitar participar do estudo mediante assinatura do TCLE.

Cada encontro focal realizado foi conduzido pela própria pesquisadora

utilizando-se de roteiro elaborado para cada grupo de participantes e contou com uma observadora escolhida, previamente, que ajudou na organização do ambiente, nas gravações e anotações importantes ocorridas durante a realização do GF. Todos os participantes foram informados sobre os preceitos éticos do estudo, houve a leitura prévia do TCLE, bem, leitura do TA para os adolescentes menores de 18 anos e informados sobre a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Franciscano, sob o parecer 1.559.011/2016, conforme preconiza a resolução 466/2012. Os encontros tiveram duração média de 60 minutos cada e as falas foram gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra. Com o objetivo de manter o anonimato dos participantes, os adolescentes receberam nomes de flores e os participantes docentes, nomes de pedras preciosas.

No primeiro encontro com adolescentes estudantes do ensino médio, apresentou-se um breve documentário sobre gravidez na adolescência com posterior dinâmica grupal; averiguou-se o conhecimento dos alunos adolescentes sobre os métodos anticoncepcionais; investigou-se se os jovens conversam com seus pais e professores sobre a temática, buscou-se conhecer as percepções dos jovens sobre as ações educativas sobre anticoncepção na adolescência.

No segundo encontro, também com adolescentes estudantes do ensino médio, retomou-se alguns tópicos importantes; houve diálogo sobre as estratégias capazes de promover as ações educativas sobre anticoncepção e saúde reprodutiva na escola.

No terceiro encontro, e primeiro grupo focal com docentes de adolescentes estudantes do ensino médio de instituição de ensino público de São Borja, houve apresentação de breve documentário sobre gravidez na adolescência; averiguou-se o conhecimento e percepção dos docentes sobre os métodos contraceptivos; conversou-se sobre como eles percebem as ações educativas em anticoncepção na adolescência no contexto escolar; debateu-se sobre possíveis estratégias capazes de promover as ações educativas sobre anticoncepção na adolescência no ambiente escolar.

No quarto e último encontro com docentes de adolescentes estudantes do ensino médio, retomou-se tópicos importantes; aprofundou-se por meio de debates sobre as percepções que os docentes têm sobre as ações educativas sobre anticoncepção na adolescência no contexto escolar, enfatizou-se no debate as estratégias capazes de promover as ações educativas sobre contracepção e saúde sexual nas escolas.

Os dados foram analisados por meio da leitura crítica e qualitativa, a qual permitiu identificar convergências e possibilitou o agrupamento das unidades temáticas, com base na análise de conteúdo temática.⁸ Inicialmente foi realizada a pré-exploração do material, a partir de leitura flutuante, na qual se reconheceu o

contexto e, assim, obteve-se informações importantes e mais aprofundadas sobre os dados levantados com os participantes. A seguir, foram selecionadas as unidades de análise, nas quais foram destacadas as frases e ideias que mais apareceram nos textos e que permitiram construir as unidades temáticas. A categorização dos estudos foi a última etapa de análise.

3 | RESULTADOS

Da análise dos dados, emergiram as seguintes categorias temáticas: O significado de anticoncepção e métodos anticoncepcionais na perspectiva de educadores e educandos adolescentes estudantes do ensino médio; e, Percepções sobre as ações educativas em anticoncepção na adolescência sob a ótica de docentes e adolescentes estudantes do ensino médio.

O significado de anticoncepção e métodos anticoncepcionais na perspectiva de educadores e educandos adolescentes estudantes do ensino médio

Depreendeu-se na descrição dos participantes, que os alunos adolescentes demonstram clareza sobre o significado de anticoncepção, mencionando que, além de serem métodos para se prevenir uma concepção indesejada, os anticoncepcionais exigem cautela e responsabilidade por parte de seu usuário para que, assim, possam cumprir seu efeito contraceptivo. Em relação a essas questões os adolescentes estudantes expressaram que: *“Os anticoncepcionais são métodos para prevenir uma gravidez indesejada.”* (Petúnia); *“Quando tu pensas em anticoncepcional a primeira coisa que vem à cabeça é prevenir a gravidez na adolescência.”* (Amor-Perfeito); *“Para mim é uma prevenção, como o nome já diz, é o que vem antes. (...). Não é algo para remediar o que já aconteceu, é para prevenir, sempre tive consciência disso. E é aquela coisa, tem que ser regular, não pode esquecer de tomar no período certo e tal.”* (Rosa).

As falas dos adolescentes evidenciam que eles conhecem os efeitos secundários dos anticoncepcionais, como por exemplo, regular o ciclo menstrual e também a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, como no caso da camisinha.

Quanto ao conhecimento da diversidade do uso de anticoncepcionais e seus efeitos pode ser demonstrado pelas falas dos estudantes adolescentes participantes do estudo: *“É que varia muito, tem pessoas que usam anticoncepcionais unicamente para não engravidar, outras também precisam tomar para regular a menstruação, já que nessa fase o ciclo menstrual é meio irregular.”* (Lírio); *“E mesmo que só tomar a pílula, por exemplo, é uma coisa que não me passa confiança, sabe? Eu acho necessário o uso da camisinha, principalmente por causa das doenças. A pessoa*

não tem cara de AIDS, em ninguém está escrito que tem alguma doença, eu não confio apenas no comprimido.” (Jasmim).

Sobre os métodos anticoncepcionais mais populares entre os adolescentes que participaram dos encontros, forma mencionados: a pílula anticoncepcional oral, a camisinha, anticoncepcional hormonal injetável, laqueadura tubária, dispositivo intrauterino, pílula do dia seguinte, e também foram citados, os adesivos hormonais.

Entretanto, aparece nas falas a preocupação com o esquecimento da pílula, sendo assim, o método injetável, foi apontado como favorito, conforme a fala de um dos participantes: *“Acho mais interessante a injeção, principalmente para quem esquece com frequência.” (Amor-Perfeito); “Tem a camisinha, a pílula, laqueadura, DIU, tem vários outros.” (Petúnia)*

Há nas mensagens dos adolescentes entrevistados, uma vasta gama de métodos anticoncepcionais, sendo impossível citá-los todos. Nesse sentido, emerge entre os mesmos a necessidade de consultar um profissional da saúde para realizar a adequada orientação antes do início do uso, sob pena de não saberem utilizar corretamente o método escolhido. Nesse sentido um dos estudantes participantes alegou: *“Tem a tabelinha, adesivos, DIU...Tem várias opções, só que o bom é a pessoa consultar um médico, porque senão se perde com a quantidade de métodos que existem” (Lírio);*

Entre os docentes participantes do estudo, houve uma grande heterogeneidade de percepções sobre anticoncepção e métodos anticoncepcionais. As falas a seguir demonstram que existem na população estudada desde percepções mais técnicas dos profissionais ligados às ciências a até mesmo, percepções mais pessoais, como por exemplo, a influência religiosa e a influência da paternidade em docentes que se veem no papel de professores e também de pais. Essas ideias aparecem nas suas falas: *“Qualquer método que impeça a concepção.” (Ônix) “Pai brabo. Pai brabo é o melhor método anticoncepcional. Se tu fizeres alguma coisa, guria, eu te mato.” (Risos) (Opala); “Pode ser um medicamento ou, a conscientização, também podemos colocar como um método anticoncepcional.” (Rubi); “Temos os métodos físicos (de barreira) e químicos como os anticoncepcionais orais. Temos também os métodos comportamentais que são os mais recomendados pela igreja católica como a tabelinha, coito interrompido, etc.” (Ametista)*

Dentre os métodos anticoncepcionais mais conhecidos entre os docentes entrevistados, a pílula anticoncepcional hormonal e o preservativo masculino aparecem entre os mais conhecidos na ampla gama de opções ofertadas no mercado atual. Houve referências a uma certa estranheza ao *condom* feminino (camisinha feminina) e aos riscos do uso da pílula do dia seguinte que, segundo os professores, se a adolescente precisou utilizar este método, significa que a mesma foi exposta a várias outras situações, como por exemplo, infecções

sexualmente transmissíveis. Neste sentido, os docentes se manifestaram: *“A pílula anticoncepcional e a o preservativo (masculino) são os mais comuns”*. (Cristal); *“Tem a pílula do dia seguinte, mas o problema é que a pessoa pode ser exposta à várias outras situações como as doenças sexualmente transmissíveis e também, se utilizar corriqueiramente pode haver um desequilíbrio hormonal muito grande.”* (Opala); *“Existe a camisinha feminina, mas eu particularmente não conheço, a divulgação é muito pequena.”* (Cristal); *“Eu já vi aqui (a camisinha feminina), nós pegamos por curiosidade, mas achei horrível. Se eu ver aquilo, eu perco a alegria da vontade do momento.”* (Risos) (Opala).

Apreende-se dessas falas, que apesar de existirem inúmeras informações disponíveis sobre métodos anticoncepcionais e anticoncepção, principalmente no escolar, os significados entre adolescentes e os docentes são bastante superficiais e o fato de saberem o significado e a importância sobre a anticoncepção, não significa que dominem sobre os métodos contraceptivos e seu uso correto.

Percepções sobre as ações educativas em anticoncepção na adolescência sob a ótica de docentes e adolescentes estudantes do ensino médio

Os adolescentes participantes dos encontros focais, sinalizaram que percebem as ações educativas sobre anticoncepção na adolescência como algo importante e fundamental no ambiente escolar, pois permitem que os jovens recebam orientações sobre as decisões que eles necessitam tomar diariamente no que tange à prevenção de gravidez em um momento inoportuno – o que na visão deles, poderia significar mudanças de planos de vida. *“São muito importantes para orientar os alunos sobre as prevenções que devem ser tomadas. Ninguém deseja uma gravidez na adolescência, porque querendo ou não, a vida vai mudar, tu vais ter que parar de estudar, começar a trabalhar e tudo complica.”* (Amor-perfeito)

No entanto, os jovens alertam que as atividades educativas necessitam fugir dos modelos impositivos de transmissão de conhecimento, como palestras por exemplo; e ao invés disso, proporcionar aos participantes momentos de conversa, troca de saberes e experiências, como as rodas de conversa. *“Eu acho interessante, sabe? Mas tem que ser um negócio como o que estamos fazendo aqui, uma roda de conversa, bem descontraída, bem natural. Algo que a gente possa absorver de verdade, e não aquela coisa mecânica, palestra com muitas pessoas ou seminários apresentados para um monte de gente. Muitas vezes as pessoas têm alguma dúvida pertinente e não querem perguntar por vergonha ou porque tem muita gente em volta e sempre tem aquelas risadinhas.”* (Rosa);

Quanto aos docentes, esses acreditam que a escola é um ambiente muito auspicioso para a realização das ações educativas sobre anticoncepção na adolescência, pois complementam a informação das famílias onde ocorre o diálogo

ou quando não há diálogos familiares, pode surgir como um gatilho para instigar as conversas entre pais e filhos. *“Eu acho que esse é o ambiente propício para que se realizem as ações educativas e o complemento da educação em casa. Se há famílias em que ocorre a educação sexual a escola é um complemento e se há famílias em que a conversa sobre sexualidade ainda é um tabu, aqui pode ser a porta inicial.”* (Cristal)

Entretanto, os educadores alertam que as ações educativas devem ser realizadas de maneira adequada, sistemática e agradável, realizado por pessoas com competência para a função de educar para a saúde sexual e de forma que não constranja os educandos. *“Acho muito importante que se realizem as ações educativas, desde que abordados por pessoas preparadas e que não volte a acontecer o fato que ocorreu aqui na instituição há alguns anos atrás, que foi uma coisa feia e malfeita. Constrangeram uma aluna muito tímida e recatada, fazendo-a colocar uma camisinha de vênus em uma prótese peniana durante uma prova de ginca. A menina desatou um choro e foi embora correndo.”* (Opala)

Na fala a seguir, outro participante dos encontros focais dos docentes, complementa a fala do colega, ressaltando que a necessidade de serem realizadas atividades educativas em educação reprodutiva por pessoas preparadas, se deve ao fato de haverem adolescentes em diferentes fases do desenvolvimento; e, a absorção do conhecimento é muito heterogênea, pois varia muito de acordo com as diferentes realidades e experiências vividas por cada aluno. *“É muito importante que a abordagem desses alunos seja realizada de maneira não constrangedora, pois nossos adolescentes são heterogêneos, estão em diferentes fases de desenvolvimento e cada um vai assimilar a informação conforme a sua realidade.”* (Cristal)

Nessa direção, depreende-se que para ambos os grupos, tanto educadores como educandos, mais importante que sejam realizadas as ações educativas em anticoncepção na adolescência, é a qualidade das mesmas. Para os participantes dos grupos, é importante que se realizem momentos de diálogo e que estimulem o autocuidado dos adolescentes. Entretanto, estes momentos devem ocorrer de maneira natural e não impositivos e constrangedores.

4 | DISCUSSÃO

Os resultados desse estudo, permitem argumentar que tanto os adolescentes participantes do estudado quanto os docentes, possuem conhecimentos sobre a anticoncepção, principalmente, por estarem em um ambiente escolar e são frequentemente motivados a realizar pesquisas referentes ao tema. No entanto, estudos sinalizam que o alto conhecimento dos métodos anticoncepcionais dos

jovens não está necessariamente relacionado ao uso mais correto ou frequente dos mesmos⁹. Esse dado, encontra apoio em pesquisas recentes, as quais constataram que apesar de os adolescentes identificarem os métodos contraceptivos, não significa que saibam utilizá-los adequadamente¹⁰.

Conforme demonstrado nos resultados desse estudo, os docentes que fazem parte da rede social dos adolescentes, ainda se deixam influenciar por julgamentos pessoais quando abordados sobre a temática da anticoncepção na adolescência. Dados semelhantes apontam que há entre docentes um despreparo técnico aliado à falta de informações recentes sobre a temática, vergonha ou o tabu que também os impedem de abordar tranquilamente o tema da sexualidade e prevenções de danos.¹¹ Nesse sentido, é essencial que os docentes que trabalham com adolescentes percebam que a sexualidade é¹², “parte integrante e indissociável da pessoa, não implicando necessariamente em seu aspecto reprodutivo, e que valores sexuais e estilos de vida podem ser vivenciados de modo diferenciado de uma pessoa para outra.”

Os adolescentes demonstraram que sabem que existem muitas opções de anticoncepcionais disponíveis no mercado, mas em virtude das infecções sexualmente transmissíveis, optam pelo condom masculino. Estudos apontam, em convergência com os dados encontrados, que há uma certa predileção pelo preservativo masculino devido à força das campanhas de incentivo à prevenção das IST/AIDS.⁹

Quanto às percepções sobre as ações educativas em anticoncepção na adolescência, os jovens participantes do estudo, defendem que as mesmas são de extrema importância no ambiente escolar, pois possibilitam aos adolescentes um empoderamento frente as decisões que precisam ser tomadas com relação à sua vida sexual. Entretanto, os mesmos alertam que as atividades educativas necessitam transcender os modelos tradicionais e, assim, proporcionar aos alunos, momentos de diálogos, rodas de conversa e reflexões. Essa ideia encontra-se quando estudos indicam que a falta de Educação Sexual que transcende a visão biológica e médica, é um dos principais motivos para a não adesão dos adolescentes à contracepção e sexo seguro¹¹.

Os docentes dessa pesquisa, por sua vez, creem que a escola é um ambiente propício para realização de atividades educativas sobre contracepção na adolescência, pois complementam a informação das famílias onde há diálogos e, se porventura, estes não existirem, podem instigar os diálogos familiares ou tentar amenizar esta necessidade. Essa linha de pensamento, encontra apoio em estudos que alegam que a escola é um espaço apropriado para o desenvolvimento de programas dinâmicos, interativos e que socializam educadores e educandos no trabalho com a temática da sexualidade¹¹.

Todavia, os professores ressaltam que essas ações educativas devem ser realizadas por pessoas competentes e habilitadas para tal função e realizadas de maneira sistemática, contínua e agradável, de modo que não causem constrangimentos ou prejuízos aos educandos. Estudos corroboram justificando que a escola apresenta uma série de dificuldades em cumprir seu papel social e pedagógico, visto que para exercer essa função de orientação sexual é necessário que todo o corpo docente se sinta motivado e preparado para abordar a temática.¹¹

É pertinente inferir que para a resolução da problemática apresentada é fundamental a conscientização e capacitação dos profissionais da saúde frente à necessidade de implementar ações em consonância com as políticas públicas de maneira criativa e inovadora que promovam o vínculo, escuta e diálogo qualificados, como por exemplo a parceria com escolas e famílias para captação de adolescentes.¹⁰ Depreende-se que para ambos os grupos, docentes e adolescentes, mais importante que a realização de atividades educativas no ambiente escolar, é a qualidade das mesmas.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação em saúde tem sido um desafio no âmbito escolar, sobretudo quando se trata de ações educativas em anticoncepção na adolescência e que possam contribuir para que os jovens se empoderem de um conhecimento transformador na formação de bons hábitos de vida.

Nesse sentido, a realização desta pesquisa, permitiu apreender as percepções da comunidade estudantil, neste caso, docentes e discentes do ensino médio, sobre as ações educativas em anticoncepção na adolescência. O grupo dos adolescentes, demonstrou que há uma compreensão a respeito da importância da realização das mesmas, pois os jovens necessitam ser capacitados para tomarem as decisões mais acertadas sobre sua vida sexual; entretanto, desejam que os profissionais atuantes transcendam aos modelos tradicionais de educar para a saúde, proporcionando-lhes momentos de diálogos, rodas de conversas e reflexões providas de significado. Entre os docentes, estes expressaram necessidade de maior preparo do corpo docente para trabalhar com a temática da sexualidade e anticoncepção, visto que uma abordagem inadequada pode causar constrangimentos e prejuízos aos educandos.

Destaca-se a importância dada pelos adolescente e educadores, dessa pesquisa, à qualidade das ações educativas oferecidas aos estudantes para que possam gerar resultados positivos em suas vidas. Essa preocupação evidencia que não basta oferecer ações educativas sobre anticoncepção na adolescência se as mesmas não alcançarem os propósitos almejados. Então, é necessário valer-se de

métodos possíveis que conseguem adesão dos estudantes.

Considera-se como limitações deste estudo a impossibilidade da participação de todos os docentes e estudantes envolvidos no processo educativo da instituição de ensino proposta, bem como, a não adesão dos pais na pesquisa realizada. Sugere-se, nessa direção, pesquisas que incluam toda a comunidade escolar na abordagem à temática da sexualidade e contracepção, ou seja, docentes, discentes e pais dos estudantes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Saúde do Adolescente. Bases Programáticas.** 2ª Edição. Brasília; 1996.

BOUZAS, I; TAKEY, M; EISENSTEIN, E. **Orientação contraceptiva na adolescência: critérios médicos de elegibilidade.** Adolescência e Saúde. Rio de Janeiro, v. 10, n.3, p.23-30, 2013.

KEMPFER, S.S; FRAGA, S.M.N; MAFRA, T.J, HOFFMANN, A.C.S; LAZZARI, D.D. **Contracepção na adolescência: uma questão de autocuidado.** Revista de Pesquisa: Cuidado é fundamental Online. Rio de Janeiro, v.4, n.3, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual do Multiplicador: adolescente.** Brasília, 2002.

BORGES, A.L.V; NICHATA, A.L.V; SCHOR, N. **Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes.** Revista Latino-Americana de Enfermagem. São Paulo, v.14, n.3, p.422-7, 2006.

VIEIRA, L.M; SAES, S.O; DÓRIA, A.A.B; GOLDBERG, T.B.L. **Reflexões sobre anticoncepção na adolescência no Brasil.** Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil. Recife, v.6, n.1, 2006.

BACKES, DS; COLOMÉ, JS; ERDMANN, RH; LUNARDI, VL. **Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas.** Revista o Mundo da Saúde. São Paulo, v.35, n.4, p. 438-442, 2011.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** São Paulo, Editora Edições 70, 2011.

ALMEIDA, M.C.C; AQUINO, E.M.L; GAFFIKIN, L; MAGNANI, R.J. **Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia.** Revista de Saúde Pública. Salvador, v.37, n.5, p. 566-575, 2003.

FIEDLER, W.F; ARAÚJO, A; SOUZA, M.C.C. **A prevenção da gravidez na adolescência na visão de adolescentes.** Revista Texto e Contexto Enfermagem. Florianópolis, v.24, n.1, p.30-37, 2015.

SOUZA, M.M; DEL-RIOS, N.H.A; MUNARI, D.B; WEIRICH, C.F. **Orientação Sexual: Conhecimentos e necessidades de professores de um colégio público de Goiânia – GO.** Revista Eletrônica de Enfermagem. Internet, v.10, n.2, p.460-471, 2008.

MOIZÉS, J. S; BUENO, S.M.V. **Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental.** Revista Escola de Enfermagem USP. São Paulo, v. 44, n.1, p.205-212, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abortamento 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55
Aborto 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 63, 197
Acadêmicos 46, 47, 48, 49, 50, 52, 54, 177, 217
Adolescência 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 96, 98, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 197, 204
Adolescentes 8, 10, 16, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 145, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 197, 275, 277, 278, 282, 283
Aleitamento materno 45, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 113, 114, 123, 134, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 173, 174, 219
Alimentação saudável 14, 15, 16, 20, 21, 22
Alimentos regionais 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21
Anticoncepção 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 188, 277
Antirretroviral 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116
Atenção básica 16, 21, 55, 61, 84, 108, 154, 192, 194, 195, 196, 204, 224, 229, 230, 232, 235, 236, 237
Atenção primária 29, 57, 61, 73, 80, 99, 101, 192, 234, 235, 236, 237, 238, 259
Atenção primária a saúde 99, 101, 192, 236
Atuação de enfermagem 23, 230
Autoeficácia 85
Avós 158, 160, 161, 162, 163, 164, 184

B

Boas práticas 137, 139, 140, 141, 145, 146, 152, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 215, 216, 217

C

Câncer de mama 23, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 32, 33, 229, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238
Composição 28, 80, 121, 125, 150
Cuidados de enfermagem 30, 33, 166, 207, 239, 249, 251, 256, 257, 258

D

Desmame 43, 73, 74, 77, 78, 82, 84, 85, 88, 93, 95, 97, 98
Dificuldades 3, 31, 32, 43, 71, 93, 94, 99, 105, 106, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 119, 137, 139, 140, 141, 142, 145, 177, 198, 227, 270, 271
Direitos sexuais e reprodutivos 1, 3, 51

E

Educação em saúde 16, 20, 21, 22, 30, 61, 62, 63, 64, 71, 97, 155, 174, 194, 220, 222, 231, 236, 237, 250, 256, 257, 259

Enfermagem obstétrica 34, 109, 285

Enfermeira 41, 43, 45, 61, 109, 110, 144, 211, 214, 249, 255, 261, 285

Enfermeiro 12, 14, 16, 20, 21, 23, 24, 25, 29, 30, 31, 32, 33, 49, 60, 97, 99, 101, 103, 105, 106, 112, 139, 141, 142, 143, 146, 192, 194, 201, 202, 203, 204, 222, 223, 229, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 241, 245, 246, 247, 249, 255

G

Gênero e saúde 1

Gestação 1, 2, 3, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 34, 38, 39, 40, 41, 45, 50, 52, 63, 91, 111, 112, 116, 118, 167, 174, 176, 179, 184, 185, 187, 188, 195, 197, 198, 203, 204, 209, 210, 215, 219, 240, 277

Gestantes 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 35, 36, 45, 88, 97, 98, 105, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 215, 216, 218, 220, 221, 223, 225, 227, 237, 239, 240, 241, 248

Gravidez na adolescência 65, 66, 68, 72, 197, 204

H

HIV 59, 88, 103, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 263, 277

L

Leite humano 74, 78, 79, 122, 123, 129, 130, 134, 150

Leite materno 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 86, 121, 122, 124, 125, 149, 150, 174, 210

LGBT 57, 58, 59, 60, 61, 265, 266, 268, 269, 270, 272, 273, 274

M

Mães 73, 75, 77, 78, 79, 80, 82, 85, 86, 87, 88, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 121, 128, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 164, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 201, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 227

Maternagem ampliada 158, 160, 161, 162, 164

Método canguru 164, 166, 167, 168, 171, 172, 174, 176, 177, 178

P

Parto humanizado 34, 45, 137, 140, 141, 144, 146, 205, 207

Paternidade 1, 6, 40, 51, 67, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190

Período pós-parto 205

Pezinho 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 227, 228

Políticas públicas de saúde 25, 57, 60, 194, 264, 272, 274

Prevenção 21, 23, 24, 25, 29, 30, 31, 32, 33, 43, 51, 54, 60, 66, 68, 70, 72, 76, 78, 100, 106, 112, 114, 116, 118, 120, 172, 178, 187, 188, 190, 194, 219, 228, 229, 230, 232, 234, 236, 237, 238, 239, 263, 264, 265, 268, 273, 277, 278, 283, 284

Promoção da saúde 60, 61, 63, 72, 74, 222, 236, 283, 285

R

Recém-nascido 18, 34, 35, 36, 38, 40, 41, 42, 77, 78, 84, 97, 113, 114, 115, 121, 136, 139, 144, 148, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 158, 159, 164, 166, 167, 168, 174, 176, 177, 178, 198, 215, 219, 222, 223, 227, 228, 243, 245

Recém-nascido prematuro 122

Recém-nascido pré-termo 121

Relações pai-filho 34

S

Salas de parto 143, 149

Satisfação 34, 38, 39, 41, 42, 44, 192, 193, 194, 195, 199, 200, 201, 202, 203, 204

Saúde da mulher 1, 7, 9, 15, 23, 25, 26, 31, 32, 47, 55, 84, 109, 168, 194, 205, 216, 234, 249, 250, 263, 285

Saúde do adolescente 72, 179, 182, 191

Saúde escolar 62

Sexualidade 55, 57, 58, 63, 64, 69, 70, 71, 72, 194, 268, 276, 281

T

Transmissão vertical 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120

Traumatismos da medula espinal 239

U

Unidade de terapia intensiva neonatal 158, 159, 164, 165, 176

V

Violência contra a mulher 99, 100, 101, 107, 249, 250, 251, 254, 255, 260, 261, 281

